

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA FORMAÇÃO CRÍTICA DO ALUNO DE 7.^a E 8.^a SÉRIES DO ENSINO FUNDAMENTAL

NASCIMENTO, Andressa Santos

drikaunit@hotmail.com

SANTOS, Clodoaldo Messias dos. (orientador) Graduado em Letras Português / Inglês, Especializado em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa, Professor do curso de letras português da Universidade Tiradentes – UNIT

aldomessias@hotmail.com

RESUMO:

O presente artigo científico tem por objetivo discutir a questão da importância da leitura no para a formação do senso crítico do estudante, sendo a temática uma problemáticas que envolve diretamente a questão das dificuldades dos alunos em lidar com a questão da leitura e dos processos didáticos e pedagógicos que conduzem à construção do aluno-leitor e crítico. Para esse fim a metodologia aqui utilizada para dimensionar o objetivo geral, fundamentar-se-á numa pesquisa bibliográfica dos autores que escrevem sobre o tema, coadjuvada pelas previsões delineadas no PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais em Língua Portuguesa) no tocante a necessidade de uma das funções do ensino da Língua Materna a qual espalha-se no desenvolvimento das habilidades tanto da escrita e, sobretudo da leitura no afã de melhor contextualizar o aluno com o mundo no qual vive, e para o qual está sendo preparado pelo processo de escolarização que acontece na escola. Dividido em três tópicos, em que são discutidos respectivamente: a importância da leitura para e na formação de jovens e adultos, a questão do hábito da leitura e o papel dos PCNs em Língua Portuguesa no estímulo à construção de programas de ensino de Língua Materna que incentivem a leitura no espaço e contexto escolares e fundamentalmente conduzam a formação de alunos críticos e conscientizados .

PALAVRAS-CHAVE: Alunos, críticos, leitura, leitores, sala de aula.

INTRODUÇÃO

No mundo moderno, globalizado e repleto de tecnologias sobretudo àquelas relacionadas a informática, e onde a informação transformou-se em um indiscutível e poderoso instrumento de poder, a ausência de domínio pelo estudante do uso da língua materna e das práticas de leitura podem constituir-se em elemento impeditivo da evolução acadêmica dos cidadãos. Nesse sentido, será difícil ter acesso à informação, sem antes ter adquirido o hábito da leitura. Por essa razão, necessário se faz o questionamento: de que maneira se poderá desenvolver o hábito da leitura em crianças e adolescentes do ensino fundamental?

Estudiosos em Pedagogia, demais licenciaturas e profissionais que atuam em educação, têm enfrentado de maneira quase constante, o desafio em seu fazer profissional, no que se refere à questão da falta, senão ausência completa entre estudantes dos Ensinos fundamental e Médio, do hábito da leitura, como prática tanto na sala de aula quanto nos ambientes extra-escolares.

Dessa feita, independentemente da matriz teórico-metodológica sobre a qual esteja fundamentado o trabalho do profissional, fato é que, na rotina de suas respectivas atividades de regência, percebe-se claramente em meio aos alunos de todos os níveis de escolaridade, certo distanciamento quanto às práticas de leitura, compreensão e interpretação de texto de modo geral.

O objetivo primordial do presente artigo, repousa da sempre necessária discussão sobre as dificuldades apresentada por alunos (principalmente àqueles do Ensino Fundamental), em construir-se como leitor. Nesse sentido o trabalho em apreço, encontra-se dividido em três capítulos os quais, por seu turno, tratarão de temas como: a) a questão da leitura e o processo de alfabetização de estudantes; b) o papel dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) no estímulo à leitura; c) abordagens multidisciplinares para

impulsionar o hábito da leitura, bem como um tópico conclusivo, a partir das leituras realizadas.

A metodologia de trabalho se constituía em uma pesquisa bibliográfica com autores que tratam da questão da leitura em sala de aula, a exemplo das contribuições presentes nas obras de: Ana Teberosky, Emília Ferreiro, Jean Foucambert, Magda Soares, Marisa Lajolo, Paulo Freire entre outros, no afã de melhor aprofundar as discussões aqui pretendidas.

1. A importância da leitura na formação de crianças e adolescentes: a leitura do mundo

A priori, não se pode desconsiderar que é através da leitura, que os seres humanos exercitam suas inteligências, promover o processo de inclusão e integração com e no mundo, adquirindo, a partir das práticas de leitura, novos conhecimentos. Sob essa perspectiva, é que, pouco a pouco, os indivíduos tornam-se mais aptos para dominar assuntos em diversificadas situações. Assim, tanto a leitura como a escrita tem um lugar importante na vida das pessoas, uma vez que elas nos propiciam a conquista do conhecimento e as instâncias de poder que são estabelecidas a partir deste; a exemplo da capacidade de associar idéias, planos, sintetizar assuntos, que em seu conjunto contribui para a construção da consciência crítica, bem como despertar e renovar a criatividade.

Importante dizer que, para o desenvolvimento do hábito da leitura, há de existir uma prática cotidiana, que, incorporada no dia a dia das pessoas (estudantes ou não), torne-se inclusive um prazer, capaz de transformar o cotidiano, pois o livro é ótima companhia. Muitas vezes, através de uma boa leitura, podemos viajar por lugares inimagináveis.

A função da escola não tem sido a de promover a leitura, aquela que interessa a todos; aquela que seja de interesse do corpo coletivo. A escola tende a priorizar um tipo de

leitura que, de tão velha e solitária, azedou-se. Nessa escola, didatiza-se muito, mas pouco se exercita uma espécie de leitura em que se reconheça o outro como sujeito-construtor da própria leitura e leve em conta os sentidos não previstos no texto. Sobre essa questão, a saída barthesiana é providencial, por entender que muitos erros deixariam de ser cometidos, se o sujeito pudesse esquecer determinadas leituras:

“Quem sabe se certas coisas não se transformariam, quem sabe se certas coisas importantes não aconteceriam (no trabalho, na história do sujeito-histórico) não apenas por efeitos das leituras, mas pelo dos esquecimentos de leitura: por aquilo a que poderíamos chamar as desenvolturas de ler?(Barthes,1984,p.33)

O ato de ler, antes restrito a ambientes fechados, hoje acontece em todos os lugares. Lê-se em casa, mas lê-se também nos bancos das praças, nas ruas, no ônibus, no metrô, nos aviões. Além de outros textos nas mãos, o indivíduo recebe outras mensagens escritas: placa, outdoors, etc. A história de vida do homem é toda baseada por documentos escritos. De acordo com Freire (2000 p. 11), “*a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele*”.

“O ato de ler, via de regra é construído a partir da experiência existencial. Primeiro a “leitura do mundo”. (Lajolo, 1999. pág.55)

Depois a leitura da palavra que nem sempre, ao longo da sua escolarização, foi a leitura da “palavra mundo”. Na verdade aquele mundo especial se dava a ele como o mundo de sua atividade perspectiva, por isso, mesmo como o mundo de suas primeiras leituras.

Rememorando Freire, vê-se que:

Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto em cuja percepção me experimentava e, quando mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia aprendendo no meu trato com eles na sua relação com seus irmãos mais velhos e com os meus pais.(Freire, 2000, p. 12)

São muitas e diferentes as circunstâncias da vida, e por isso, em face delas, as pessoas produzem suas leituras de modo diferente. O mundo da leitura tem muitas surpresas, lê-se para ampliar os limites do próprio conhecimento, para obter informações simples e complexas, lê-se em busca de diversão e descontração.

Ler é libertar-se, pois só pode ser livre aquele que sabe. Nenhuma liberdade pode ser fundada na ignorância, portanto o livro é o fundamento primeiro da liberdade. Se alguém deseja o bem ao próximo, seja a seu filho, parente ou vizinho, crie os meios para que leia, dêem-lhe livros de presente, pois livro é vida e consciência.

Ler é sinônimo de conhecimento. Dessa feita, sem a leitura estamos condenados às trevas da ignorância. Rememorando o fato segundo o qual, historicamente o povo cristão, assim como o povo judeu e os povos de qualquer tradição, são os povos do “livro”, ou seja, da linguagem escrita que contém o domínio de cada civilização. Podemos dizer que, hoje em nossos tempos agora em que são utilizados os meios eletrônicos alternativos, novas mídias, assim o livro como o conhecemos, é o depositário e o veículo importante dos grandes tesouros culturais.

Ler é também o instante sublime da estética, pois na linguagem escrita é que é possível a expressão da mais fina poesia. Nenhum filme é feito sem um roteiro, um elemento literário. Ler é também o fundamento da imagem e da arte em geral. Literatura é a Grande Arte.

Sabe-se que a leitura é um processo de contínuo aprendizado. Alguém acostumado a ler busca respostas para suas dúvidas e atualiza-se sempre que necessário. E hoje vivemos numa época, que se valoriza o conhecimento e o talento técnico, em detrimento ao raciocínio. E a leitura ajuda a formar seres pensantes, preparados para a vida. Ela desenvolve a reflexão e o espírito crítico. É fonte inesgotável de assuntos para melhor compreender a se ao mundo.

A leitura deve ser sinônima de espontaneidade e liberdade. Para isso, o professor deve deixar o aluno escolher o livro de seu interesse ou pelo menos palpitar, não negando, ao aluno, a liberdade de divergir. Feita a leitura, para avaliar o aluno pode utilizar atividades lúdicas como: debates, dramatização, trabalhos em grupos etc. Porque o importante não é o resultado, é o processo é o exercício o hábito que possa a ser potencializado com tais práticas..

É função essencial da escola é ensinar a ler. É também função da escola, ampliar o domínio dos níveis de leitura e escrita, e orientar a escolha dos materiais de leitura. O professor tem que ser, antes de tudo, um leitor.

A leitura é um dos instrumentos indispensáveis para o enriquecimento do homem, que habilita as pessoas no mercado de trabalho sendo que a sua ausência é fator de exclusão nesse mercado. Os alunos devem dar-se conta de que aprender a ler é interessante e divertido, e que esse aprendizado lhes permitirá serem mais autônomos.

Acresce mencionar que a leitura representa um grande ato de liberdade do espírito; E ler constitui-se uma das competências mais importantes a serem trabalhadas com o aluno, principalmente após recentes pesquisas que apontam ser esta uma das principais deficiências do estudante brasileiro. Não basta identificar as palavras, mas fazê-las ter sentido, compreender, interpretar, relacionar e reter o que for mais relevante.

1.1 O papel do professor e da escola na formação de leitores

Na atualidade as concepções hegemônicas acerca dos processos de aprendizagem e em especial da aprendizagem da Língua materna e de seus de suas duas principais extensões (aprendizado da escrita e da leitura) reforçam o ideário segundo o qual, o mundo moderno, rápido e que tudo globaliza, assiste a uma crescente valorização dos pressupostos da chamada sociedade cognitiva, a qual estimula o sujeito a desenvolver, continuamente, conhecimentos,

capacidades e atitudes, assumindo, como principal desafio, reduzir as diferenças entre aqueles que sabem aprender e os que não o sabem.

Nesse diapasão, o professor deixa de ser o detentor do saber, para transformar-se em instrumento viabilizador do processo de aprendizagem, contribuindo e oportunizando em seu fazer profissional, para que o aluno, no contexto do aprendizado da Língua-mãe, se torne independente no que tange ao exercício cotidiano de práticas de leitura, criticidade e até quanto à produção de textos.

O fazer cotidiano do professor de Língua Materna ao lidar com processo de incentivo ao aprendizado da leitura, dar-se-á através, por exemplo, de ações pedagógicas onde o professor tenha a oportunidade de apresentar a seus alunos uma diversidade de textos, e temáticas variadas, de modo a estimular seus alunos a busca de novas leituras, à curiosidade em aprender em informar-se, e construir-se pouco a pouco como leitor independente e crítico.

A diversidade de possibilidades de uso da língua há de ser também utilizada no processo de estímulo à prática da leitura pelos alunos. Apontar caminhos para prática cada vez mais atuais leituras, é tarefa que deve ser estimulada dentro e fora da escola, com a participação de professores, familiares e da e na comunidade na qual o processo educacional esteja sendo executado.

Segundo Miriam Mermelstein, que em publicação eletrônica afirma que:

Outro aspecto de significativa importância relaciona-se com a possibilidade de desde cedo o professor e demais agentes educacionais, criarem um ambiente cultural, onde leituras sejam vivenciadas de modo a proporcionar aos alunos “ler” textos, entendido o verbo de forma não literal; em práticas em que o professor, por exemplo, lê para a classe, quando o aluno conta suas vivências numa roda, quando o aluno ouve o colega contar ou descrever algo, quando o aluno ouve uma cantiga e sua letra, quando o aluno ‘lê’ ilustrações de um livro, quando ele tem acesso constante aos livros da sala ou da biblioteca, quando sabe que a leitura é uma atividade valorizada pelo professor.(<http://www.crmariocovas.sp.gov.br>).

Dessa feita é inegável que a ação didático-pedagógica do professor no afã de potencializar à formação de alunos leitores e leitores críticos, encontra forças num trabalho

profissional desenvolvido também sobre bases interdisciplinares, inclusive consoante recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (em Língua Portuguesa).

2. Discutindo o hábito da leitura

Mesmo sabendo o valor da leitura, tanto para o conhecimento quanto para a observação de aspectos da vida e da capacidade de comunicação com o mundo, diversas pessoas continuam não sendo leitores habituais. Muitos de nós desenvolvemos aversão pela leitura porque nossos professores obrigavam-nos a ler textos sem grande interesse para nós, associando essa tarefa a trabalhos e notas, que por isso acabamos sendo prejudicados.

Segundo Freitas (1986, p. 35),

“a falta do hábito de alguns professores em utilizar livros como recurso de ensino-aprendizagem demonstrou que a metodologia por eles utilizada, sem a orientação do grupo, poderá provocar nos seus alunos uma certa rejeição pela leitura com lazer”.

O mesmo autor reitera,

“O hábito da leitura constitui-se em preocupação dos professores. No entanto, eles encontram dificuldades para implementação, porque não dispõem de recursos bibliográficos. A própria formação de magistério é feita na maioria das vezes desprovida da prestação de serviços bibliotecários adequados, característica das escolas brasileiras”. (Freitas, 1986, p. 37)

O hábito da leitura é criado a partir de estímulos em idade adequada e a forma como se trabalha a mesma colabora muito para se criar uma geração habituada a ler, que com certeza terá uma linguagem muito mais ampla e valiosa, fazendo parte de uma sociedade onde poderá participar e argumentar, mostrando a força da palavra quando se tem leitura e conhecimento.

A leitura não só desperta nos alunos o gosto pelos bons livros e pelo hábito de ler, como também, contribui para despertar a valorização exata das coisas, desenvolver suas

potencialidades, estimular sua curiosidade, inquietar-se por tudo que é novo, ampliar seus horizontes e progredir.

O termo leitura é polissêmico, segundo seus estudiosos. Em sua acepção mais ampla, pode ser entendida como uma atividade de atribuição de sentidos. Pode significar também concepção. É neste sentido que é usado o termo quando se diz leitura de mundo. Junto à palavra leitura há uma relação com a noção de ideologia. Ambas as palavras são cheias de meandros porque elas esbarram na questão de valores, visão de mundo ou cosmovisão, história de vida, só para citar algumas implicações. No sentido mais restrito, acadêmico, leitura significa “a construção de um aparato teórico e metodológico de aproximação de um texto” (ORLANDI, 1991, p.7). São as várias leituras de Geraldi; as possíveis leituras de um texto de Platão, etc.

A leitura permite o desenvolvimento do indivíduo, devendo fazer parte das necessidades das pessoas, devendo ser motivada a cada dia pelos professores, pelos pais e pela própria comunidade, os quais precisam estar seriamente convencidos da importância da leitura e dos livros para a vida individual, social e cultural, se quiserem contribuir para melhorar a situação. Ressalte-se que, a escola e sua relação aos processos de estímulos os alunos ao desenvolvimento do hábito da leitura, têm formado leitores que não sabem interpretar e não tem o prazer para ler.

A leitura feita pelo aluno e / ou professor deve ser diária, quanto menos os alunos souberem ler, mais devem ser desafiados a ler e mais devem ouvir as leituras feitas pelo professor.

Importante lembrar que, na infância a leitura realizada no ambiente escolar, era a mesma e ocorria durante semanas, sendo cobrada todos os dias como obrigação, de forma repetitiva e cansativa. Na atualidade esse enfoque não sofreu significativas mudanças. Diante desse estado de coisas necessário se faz um trabalho didático-pedagógico, capaz de incentivar

aos alunos que realizem suas leituras por prazer, e motivados a descobrirem algo novo, na certeza de constatar que a cada leitura realizada aumenta-se a gama de conhecimentos.

Na atualidade, a escola já não se constitui em o único e principal centro de aprendizagem das crianças e jovens. Um amplo e vasto universo de possibilidades de leitura, está sendo construído. Desta feita, vemos que, os amigos e a família são co-participantes no aprendizado e no processo de formação do indivíduo, inclusive no que tange ao aspecto de desenvolvimento das suas capacidades e atitudes.

O professor, no contexto do seu fazer profissional em sala ou mesmo fora dela, deverá proporcionar aos alunos diferentes tipos de textos, onde eles conheçam as características da linguagem escrita, para que os mesmos se tornem usuários da escrita e da leitura na vida cotidiana e que consigam extrair sentido nas palavras e colocar idéias no papel por meio do sistema da escrita.

Dessa feita, pode-se dizer que, poder ler, saber ler, e ter o prazer de ler, ou seja, poder ler é ter acesso no mundo da escrita, saber ler é envolver-se com a leitura, ter entusiasmo pela aprovação do mundo e do conhecimento, realizar descobertas, captar a realidade pelo imaginário, entre outras possibilidades.

Pesquisa nacional indica que, a leitura é um hábito crescente quanto mais jovem é a população. Têm o hábito de ler livros 45% dos que têm entre 14 e 19 anos e 33% dos que têm de 20 a 29. Na faixa de 30 a 39 anos, 28% leu pelo menos um livro em três meses, número que cai para 24% quando se passa dos 40 anos.

É necessário realizar atividades integralizadoras com os professores das escolas, pois estes são o elo motivador da leitura para os alunos, e num outro momento reconhece-se a importância das influências familiares na escola. Portanto, é estimulando, criando e incentivando o hábito de leitura, que a atividade profissional do professor, pode se revelar a

todos os integrantes das escolas, a importância da construção do hábito da leitura, na formação de um cidadão.

O hábito da leitura deve ser estimulado nos primeiros anos de vida escolar. Porém é impossível negar que a maioria das escolas lamentavelmente ainda não possuem infraestrutura desejável para a conscientização do hábito da leitura. A leitura não pode ser tomada como algo sofrido, mas, acima de tudo, como algo útil, satisfatório, e que pode resultar num trabalho valorizado.

3. O que prevê os PCNs quanto a promoção da leitura no contexto escolar

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, além de representarem uma síntese de tendências já colocadas no ensino da área, contribuíram para desencadear novas reflexões entre os professores.

Para (WERNECK, 2000), uma das discussões mais frequentes atualmente na área de educação engloba os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e seu reflexo no ensino. No que se refere – se a língua portuguesa, os PCNs vêm apresentar propostas de trabalho que valorizam a participação crítica do aluno diante da sua língua e que mostram as variedades e pluralidade de uso inerentes a qualquer idioma.

Uma análise dos PCNs de língua portuguesa destinados ao ensino fundamental, percebe-se que eles se dividem em duas partes: *apresentação da área de língua portuguesa*, em que se discutem questões sobre a natureza da linguagem, o ensino dessa disciplina (objetivos e conteúdo) e a relação texto oral-escrito / gramática; e *Língua portuguesa no terceiro e no quarto ciclos*, em que aparecem os objetivos e conteúdos específicos dessa fase, divididos em prática de escuta de textos orais / leitura de textos escritos, prática de produção de textos orais e escritos e prática de análise lingüística.

Nesse sentido os conceitos, conteúdos e objetivos contidos nos PCN referente à Língua Portuguesa serão ponto de partida para fundamentar ações e práticas didático-pedagógicas, de modo a facilitar a conquista e implementação das propostas referenciadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, qual seja: a) a da melhoria da qualidade de ensino d um modo geral e da Língua Portuguesa especificamente.

Segundo a (Nova Escola,2000,p.04),

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) DE 5.^aa 8.^a séries “foram criados pelo MEC em 1998 para ajudar o professor a ampliar o horizonte de seus alunos (...) principalmente se considerarmos a defasagem curricular então existente em decorrência da globalização da informação e do desenvolvimento tecnológico, cujos reflexos são sintomáticos quando o assunto é educação”.

Ainda no contexto da publicação a seguir explicitada, (Nova Escola,2000,p.04), informa que os objetivos dos PCNs “ são orientações gerais de trabalho que só funcionam quanto as sugestões que apresentam são adaptadas pelo professor à realidade dos alunos”. Sabemos que por essa ótica que os PCNs são úteis principalmente no planejamento escolar.

Vale enfatizar que as previsões definidas pelos PCNs concordam acerca do fato de que a Escola não é uma ilha de ensino uma vez que está inserida em determinada comunidade, fato que envolve conflitos, aflições e alegrias. A abordagem proposta pelos PCNs, deixar transparecer que, cabe ao professor, criar espaços para que as crianças e adolescentes discutam e opinem sobre a realidade circundante; vista esta prática como um relevante instrumento para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

Nesse passo e rememorando a lição de (DELORS, 2000, p.57) tratando de questões que versavam sobre Educação para o séc. XXI (2001-3000), o autor estabelece pilares, segundo os quais se abrem novas e inusitadas possibilidades para que ocorra o aprendizado, elencando-as da seguinte maneira: 1) aprender a conhecer; 2) aprender a fazer; 3) aprender ser.

(WERNECK, 2000, p.15) analisando a primeira parte dos PCNs referentes à língua portuguesa reconhecendo-a como uma área em mudança, no tange ao ensino, pois tem se passado do excesso de regras e tradicionalismo típicos das escolas para um questionamento de regras e comportamentos lingüísticos.

(WERNECK, 2000, p. 18), costuma chamar de :

]“ensino descontextualizado de metalinguagem” e ao de “ensino descontextualizado de metalinguagem”; onde o texto é usado (quando o é) como pretexto para retirar exemplos de “bom uso” da língua, descontextualizados e fora da realidade do aluno, mostrando uma “teoria gramatical inconsistente” (id.). Já a perspectiva mais crítica de ensino de língua apresenta a leitura e a produção de textos como a base para a formação do aluno, mostrando que a língua não é homogênea, mas um somatório de possibilidades condicionadas pelo uso e pela situação discursiva em que o texto é visto como unidade de ensino e a diversidade de gêneros devendo ser privilegiada na escola.

Segundo essa perspectiva de ensino de língua portuguesa mais produtivo aparece no próprio texto dos PCNs: “Toda educação comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para que o aluno possa desenvolver sua competência discursiva” (p. 23) que o aluno poderá se constituir como cidadão e exercer seus direitos como usuário da língua.

(CURY, 2000, p.254-255), conclui que uma discussão sobre PCNs não pode ignorar o quanto esse problema exige uma radiografia e um auscultação da realidade multifacetada da escola pública brasileira e nem desconhecer as competências do poder executivo no sentido de efetivamente por em ação os dispositivos constitucionais contidos no art.210 da Constituição Federal de 1988, in verbis:

“Art. 210.: Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais.
 § 1º - O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental.
 § 2º - O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.”

CONCLUSÃO

A discussão quanto à promoção no contexto escolar do ensino fundamental, de práticas didáticas e pedagógicas que otimizem o exercício da leitura e como desdobramento deste a contribuição para a formação crítica dos alunos, é sobretudo de crucial importância para a formação da cidadania dos alunos de modo geral.

Nesse sentido, os procedimentos que tanto a escola instituição, quanto e sobretudo do professor de Língua Portuguesa relaciona-se à necessária estruturação mediante uma postura pedagógica que valorize o aprendizado preexistente dos alunos, contextualizando-os com as atividades desenvolvidas em função do aprimoramento e / ou da aquisição da habilidade da leitura tudo, em prol da independência crítica dos estudantes envolvidos.

Não se pode pensar a questão do desenvolvimento dos hábitos de leitura no contexto do ensino público, sem ter como pressuposto o aprendizado do mundo e da vida que os alunos trazem consigo ao ingressar no espaço escolar. Tais afirmações se referem tanto ao aluno das séries menores, quanto àqueles que já estão cursando as últimas séries do ensino fundamental. Bom ressaltar que, a valorização das visões de mundo e das opiniões dos estudantes, pode se constituir em elemento capaz de estimular os alunos em suas trajetórias a caminho da conquista da habilidade de ler e interpretar textos.

Pelo exposto uma conclusão é possível. O campo da leitura é contraditório. A escola quer a leitura na sala de aula, mas a leitura da escola nem sempre é a leitura do leitor. Oscilando, o leitor permanece entre o desejo e o retraimento; o ler e o não ler. No entanto, acredito que no “...*espaço de decisão ou da carência, que é a ambigüidade do desejo*” (Chauí, 1990, p 68.), permanece o desejo e o não desejo de ler. Se o ato de ler não está prescrito, então o jeito é continuarmos fustigando o aluno para que desperte nele o desejo de

ler, de atribuir sentidos, mas sem constrangimento. Enquanto isto não acontece, a cantilena se repete: “*o aluno não lê, o aluno não gosta de ler, o aluno não sabe ler*”

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Lisboa: Edições 70, 1984.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CHAUÍ, Marilena. **Laços de desejo**. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O desejo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FONSECA, Vitor da. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. São Paulo, 1979.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia – saberes necessários e prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional**. In: FAZENDA, Ivani (Org). *Metodologia da Pesquisa Educacional*. São Paulo: Cortez, 1994.

KRAMER, Sonia. **Por entre as pedras: arma e sonho na escola**. São Paulo: Ática, 1993.

KUENZER, Acácia Zeneida. **A formação de educadores: novos desafios para as faculdades de educação**. Caxambu/MG: Anped, 1998.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura à leitura do mundo**. Rio de Janeiro: Ática, 1994.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1991

SOARES, Magda Becker. **Aprender a escrever, ensinar a escrever**. São Paulo: Ática, 1998.

CURY, Carlos Roberto Jamil **Os Parâmetros Curriculares Nacionais e o Ensino Fundamental**. Disponível em <www.nesp.unb.br>. Acesso em: out. de 2006.

<www.textovivo.com.br>. Acesso em: out. de 2006.